

APRESENTAÇÃO

Neste número ressaltam-se três questões centrais.

A primeira refere-se à crise nas Ciências Sociais, com ênfase na Sociologia, presente nos anais do Seminário Sobre Condições Sociais da Produção do Conhecimento, patrocinado pelo CNPq, dos quais foram extraídas as intervenções de Vilma Figueiredo (UnB), Elisa Reis (IUPERJ) e Juarez Brandão Lopes (Unicamp). Figueiredo aborda o tema sob três aspectos: a relação do campo epistemológico e o conhecimento sistemático, as razões das dificuldades de se descartarem hipóteses e, finalmente, a relação saber-poder, os dois últimos, especificamente, na área da Sociologia. Brandão Lopes faz uma comparação entre a produção sociológica dos anos 1950/1960 e a recente (década de 80), acentuando sobretudo as suas diferenças, não apenas em termos do volume da produção, como também das suas características. Finalmente, Reis faz um retrato do campo da produção sociológica, hoje, no Brasil, chamando atenção para três de suas características: ensaísmo, antiempirismo e criticismo.

O Seminário supra citado está inserido em uma pesquisa coletiva que o Departamento de Sociologia da UnB desenvolve atualmente sob coordenação de Ana Maria Fernandes e João Gabriel L.C. Teixeira, cujo projeto encontra-se reproduzido, parcialmente, na secção – Notas de Pesquisa.

O artigo de Alain Caillé, convidado, especialmente extraído de sua tese de doutorado – *Miséres et splendeurs des Sciences Sociales* – também trata da problemática, ou crise, das Ciências Sociais. Porém, se as intervenções recolhidas do Seminário sinalizam mais a problemática no Brasil, o artigo do diretor do MAUSS enfatiza os limites dos quatro axiomas sobre os quais se acenta o discurso das Ciências Sociais: interesse, racionalidade, indivíduo e evolução. O mais interessante, porém, é que para Caillé a crise nas Ciências Sociais é uma das manifestações da crise de modernidade.

Esse termo também se encontra presente, porém de forma distinta, nos artigos de Lúcio Castelo Branco e Lia Zanotta, formando o segundo campo temático deste número. Ambos preocupados com a sim-

biose formadora de nossa hodiernidade que se enraiza em um passado recente, como camadas que se interpenetram em dimensões diferenciadas. O segundo nos interstícios das relações de gênero e étnicas, e o primeiro, na obra de Euclides da Cunha. O primeiro no espaço do Brasil, e o segundo no terreno latinoamericano.

Aliás, América Latina é o espaço privilegiado por Bruno Lautier, professor no IEDES – Paris, para pesquisar o processo de exclusão social que decorre simultaneamente das mudanças no mundo do trabalho e da política, concluindo com a possível inviabilidade de uma política liberalizante no quadro democrático. Se Lautier está preocupado com a exclusão dos “trabalhadores-cidadãos”, Witold está inversamente interessado nas suas formas de participação social e política. Diferença que decorre, em parte, dos objetos de pesquisa (e enfoque teórico) e, em parte, dos espaços de observação: o professor polonês demanda sobre o seu problema no quadro do “socialismo real”, demandando-se sobre a sua possibilidade de vir a criar uma ordem democrática e liberal.

A revolução não é mais um problema, questão “demodé”, dizia Weffort. Assim não pensa o cientista político espanhol, autor do artigo que define a terceira grande questão deste número de Sociedade e Estado. Paramio, nosso segundo artigo convidado, reflete sobre as possibilidades de uma teoria estrutural da revolução, demonstrando que o poder é fundamentalmente o uso estratégico do controle de recursos. Assim, os seus elementos fundantes, e as modernas teorias das ciências políticas e da sociologia, devem ser articulados para ampliar, as possibilidades de explicar os movimentos revolucionários e as mudanças sociais no mundo contemporâneo.

Como este é o último número em que participo como coordenador, após mais de três anos, a maioria dos quais ao lado de Maria Lúcia Maciel, aproveito para agradecer aos membros dos Conselhos Editorial e de Pareceristas e a todos os colaboradores, sem os quais seria impossível manter vivo este projeto.

Elimar Pinheiro do Nascimento